

TRADUÇÃO, CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO E HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO NO BRASIL EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE OS PERIÓDICOS ESPAÇO E CULTURA (1995-2015) E GEOGRAPHIA (1999-2019)

IX Reunião Anual de Iniciação Científica da UFRRJ (RAIC 2021/2022) e III Reunião Anual de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (RAIDTec 2021/2022) - UFRRJ, 0ª edição, de 15/05/2023 a 19/05/2023
ISBN dos Anais: 978-65-5465-041-0

SIMÕES; Sabrina de Aquino¹, RIBEIRO; Guilherme da Silva²

RESUMO

O projeto em questão faz parte de uma investigação de fôlego acerca das relações entre tradução e história da geografia brasileira mobilizada por quatro de seus periódicos: Revista Brasileira de Geografia (1939-1996), Boletim Geográfico (1943-1978), Espaço e Cultura (1993-) e Geographia (1999-). Enquanto os dois primeiros foram editados e estão associados à hegemonia da produção geográfica pelo IBGE em uma era de nacionalismo e desenvolvimentismo, os demais ligam-se à ascensão dos programas de pós-graduação em geografia e à necessidade de divulgar e de intercambiar o conhecimento acadêmico em tempos de globalização e neoliberalismo. Embora ainda haja muito o que fazer do ponto de vista qualitativo em relação aos periódicos do IBGE, após nossos levantamentos desde 2017 cremos que o momento agora é o de explorar a fase mais recente da tradução em geografia no Brasil tomando como objeto de estudos a Espaço e Cultura (1993-) e a Geographia (1999-), já que assumiram a dianteira no que se refere às traduções. À sua maneira, porém, elas guardam especificidades: enquanto a Geographia optou por criar a seção Nossos Clássicos destinada fundamentalmente à tradução de textos considerados essenciais para a disciplina, a Espaço e Cultura traduziu artigos dedicados à sua temática principal não em uma seção específica, mas junto aos demais textos. Além disso, enquanto a primeira voltou-se à tradução em francês e em alemão (algo raro na história da geografia brasileira), a segunda rompe com a hegemonia francesa e investe mais no inglês. A razão parece ser evidente: o pioneirismo e a força da geografia cultural nos Estados Unidos desde Sauer na primeira metade do século XX até os debates tornados célebres envolvendo James Duncan e outros em torno do conceito de cultura e das formas de apreender o espaço na década de setenta (melhorar). Após mais de vinte anos, podemos dizer sem medo de errar que ambas não apenas influenciaram a produção geográfica nacional, mas também estimularam o surgimento de tradutores amadores geotradutores? Emerge aqui o que parece ser uma característica oculta do trabalho dos geógrafos brasileiros: ao decidirem verter com regularidade determinado autor, conceito ou debate para a língua portuguesa (existiria por trás disso uma espécie de submissão colonial implícita ou estamos apenas diante da necessidade didática de fazer circular tópicos internacionais em um país cujas carências educacionais incidem diretamente sobre o domínio de línguas estrangeiras?), toda uma geografia da circulação do conhecimento é acionada. Muito mais que apenas pedir autorização para tradução, é tecida uma rede formada por diversos nós transnacionais tais como autores, tradutores, periódicos, editoras, línguas e contextos de produção e de circulação. Revela também círculos de afinidades (Berdoulay 1995 [1981]) nacionais ao redor de instituições, laboratórios e grupos de pesquisa (rivals ou não, mas sempre em disputa pelo capital simbólico), além, é claro, de inclinações políticas e epistemológicas (a escolha do traduzido, dos temas e dos idiomas). Tradução, portanto, nunca é espelho, mas mimesis, ou seja, uma forma de saber capaz de ultrapassar as formas, os sentidos e as intenções originais.

¹ UFRRJ, ninaquino.simoes@gmail.com

² UFRRJ, lapehge@gmail.com

